

Exceto no transporte, serviços de saúde e self-service, uso de máscara vira facultativo em BH, mas segue recomendado por especialistas, principalmente para grupos de risco

# Carta limpa pede cautela

BERNARDO ESTILAC, BEL FERAZ, GUILHERME PEIXOTO, MATHEUS MURAZORI, ANA LAURA QUEIROZ\* e MARIA PAULA MONTEIRO\*

Ao longo de mais de dois anos de pandemia, as máscaras foram equipamentos essenciais no esforço de diminuir a disseminação do coronavírus e também um símbolo da presença da COVID-19 na vida cotidiana. O anúncio de que elas deixam de ser obrigatórias também em locais fechados de Belo Horizonte a partir de hoje foi recebido pela população com alívio — sinal de que o momento mais crítico foi, de vez, detestado para trás. Apesar do avanço, especialistas fazem ressalvas a respeito da liberação e pregam cautela.

O anúncio foi feito pelo prefeito Fuad Noman (PSD) em pronunciamento na sede da prefeitura, ao lado da secretária municipal de Saúde, Cláudia Navarro.

“Nosso objetivo aqui é tirar a obrigatoriedade do uso da máscara de Belo Horizonte em ambientes internos a partir de amanhã [hoje], disse o prefeito, ao informar que o decreto que flexibiliza os protocolos de segurança contra a doença pandêmica seria assinado ainda ontem. “Passa a ser facultativo, quem quiser usar a máscara, use, mas acaba a obrigatoriedade”, disse. No entanto, há exceções: as máscaras continuam obrigatórias nos transportes coletivos e escolas, em serviços de saúde da cidade, municípios ou não, e em situações específicas previstas em protocolo, como no caso de self-service em restaurantes. Eventos culturais e esportivos também podem deixar de cobrar comprovante de imunização ou teste negativo para COVID-19.

Com os números da pandemia controlados, muitos moradores da capital esperavam ansiosamente o anúncio de que as máscaras seriam liberadas de forma mais ampla. Foi o caso da estudante Ester Souza, de 17 anos, que vê na medida um sinal de que a COVID está controlada. “Para mim vai ser um alívio, depois de dois anos em que muita coisa aconteceu, porque a doença chegou do nada e deixou todo mundo com medo. Agora, estamos mais leves, mais tranquilos e vacinados”, diz.

A análise dos especialistas sobre a desobrigação, no entanto, é mais recente. Para o médico e presidente da Sociedade Mineira de Infectologia, Estevão Urbano, tirar a máscara neste momento, é uma decisão compreensível, embora demande cautela. “É muito importante manter máscara no transporte público e nos hospitais. E, principalmente, (nos) nos dos grupos de maior risco, (como) idosos e gestantes. O ideal, talvez, seja manter as máscaras. É muito cíclico: países que tiraram de forma rápida tiveram um rebote”, afirma o especialista, que compôs o comitê montado pela prefeitura para monitorar o avanço da infecção na capital.

Em Belo Horizonte, a liberação das máscaras em ambientes fechados está atrelada ao avanço da vacinação infantil. Recém-empossados, o prefeito Fuad Noman (PSD) e a secretária de Saúde, Cláudia Navarro, fizeram ape-



Deixadas de lado por parte dos usuários, máscaras continuam obrigatórias no transporte coletivo. A usuária Cláudia Helena (detalhe) defende a norma e cobra respeito a ela



Fuad Noman e Cláudia Navarro durante o anúncio da flexibilização: “A gente deve continuar lavando as mãos com sabão, passando álcool, procurando evitar aglomerações”, pediu o prefeito

los aos pais para acelerarem a imunização. Dados de ontem apontam que apenas 35,9% dos jovens entre 5 e 11 anos receberam a segunda injeção (75,5% receberam a primeira) — entre os maiores de 12 anos, 100% completaram o esquema vacinal e 65,4% tomaram também o reforço de dose adicional (3ª e 4ª).

Embora reconheça que a cidade ainda não atingiu o “nível ideal” de cobertura vacinal, Cláudia garante que houve considerável avanço. “Em 17 de março, 13,3% das crianças haviam tomado a segunda dose”, lembrou, durante entrevista coletiva, em comparação aos quase 36% atuais. “Um dos motivos é exatamente essa tentativa de conscientização dos pais, dos responsáveis, sobre a vacinação da criança”, disse, referindo-se à veiculação de propagandas sobre o tema.

Na visão de Unai Tupinambás, infectologista e professor da Universidade Federal de Minas Ge-

rais (UFMG), a necessidade de expandir a imunização é uma das lacunas que precisam de preenchimento. Ainda tem a população com a terceira dose aquém do ideal e estamos atravessando o outono-inverno. Temos que levar em consideração o que acontece na Europa, na Ásia e nos EUA, onde está tendo aumento de casos”, pontua.

Embora não creia em subida vertiginosa dos números, como visto no início de 2021, Unai pede de atenção redobrada. “Temos que tomar cuidado, porque há um aumento de casos ao redor do mundo”, Unai diz, que esperaria mais um tempo para definir pela retirada das máscaras. Apesar disso, considera positiva a decisão de manter o uso do aparelho para circulação em hospitais e embarque no transporte coletivo.

No Rio de Janeiro, as proteções faciais em locais fechados foram desobrigadas no mês passado. Como mostrou o Esta-

do de Minas, a decisão veio a reboque de campanha de imunização nas escolas. Para Cláudia Helena, de 45, gerente de loja em BH, a decisão da prefeitura veio em momento adequado. “Os índices da pandemia já estão bem baixos e a expectativa era poder tirar a máscara. A vacina também ajudou muito. Foi em uma hora certa.”

Entretanto, protocolos de segurança ainda precisam ser seguidos. “Isso não quer dizer que COVID-19 acabou, não quer dizer que podemos parar de tomar algumas medidas. Os protocolos precisam ser respeitados, a gente deve continuar lavando as mãos com sabão, passando álcool, procurando evitar aglomerações, dando a distância necessária, porque ainda temos a pandemia batendo na nossa porta”, disse o prefeito.

O uso de máscara tornou-se obrigatório em Belo Horizonte em março de 2020 com o início da pandemia do coronavírus. Des-

de 4 de março deste ano, entretanto, a utilização do equipamento em ambientes abertos é facultativa. Desde o início da pandemia, BH soma 389.413 casos confirmados de COVID-19, dos quais 7.756 resultaram em morte.

**ROSTO COBERTO** Embora já façam planos para abrir os sorrisos em estabelecimentos, prédios comerciais, filas bancárias e outros ambientes fechados, os belo-horizontinos sabem que, em determinados locais, precisam se manter em alerta. Cidadãos ouvindo pela reportagem garantem que vão continuar com o rosto coberto em casas de saúde e durante os trajetos de ônibus.

“Enquanto precisar, vamos usar. O ônibus é um lugar fechado e com número grande de gente entrando e saindo. Às vezes, dentro do ônibus, os passageiros estão ignorando a máscara. As empresas têm que colocar os avisos”, pede Cláudia Helena. Para ela, o uso de máscaras por

todos os frequentadores dos hospitais será essencial para impedir, também, a disseminação de outros vírus, como o da gripe. “A máscara não vai ser uma coisa assustadora de ver outra pessoa usando”, assinala.

Unai Tupinambás, por sua vez, defende a extensão da restrição a outros espaços privados. “Em supermercados, drogarias e sacolões, por serem fechados, seria interessante a gente manter o uso de máscaras”, exemplifica. Os terminais de embarque para viagens situados em Belo Horizonte vão seguir diretrizes distintas. Enquanto a Rodoviária vai se adequar à flexibilização municipal e permitir a circulação de pessoas “desmascaradas”, no aeroporto Internacional de BH só é possível andar descoberto pelo saguão. Nas áreas de embarque e durante os voos, o uso de máscara segue obrigatório.

\* Estagiárias sob supervisão do subeditor Rachel Botelho

## Região metropolitana avança

Após o governador Romeu Zema (Novo) oficializar, ontem, a dispensa do uso de máscara em espaços fechados a partir de 1º de maio, cidades de Minas Gerais já se preparam para desobrigar a utilização das proteções faciais. Além de Belo Horizonte, que colocará decreto sobre o assunto em vigor hoje, Nova Lima e Sabará, na região metropolitana da capital, também ajustam os detalhes para iniciar a flexibilização a partir do Dia do Trabalho.

Santa Luzia quer assumir, como a vizinha Belo Horizonte, liberar as máscaras. Embora o uso delas

em ambientes fechados continue obrigatório, o comitê de enfrentamento à COVID-19 instituído pela prefeitura local informou a Prefeitura de Contagem a Procuradoria-Geral do Município (PGM) ontem. Uma nota técnica enviada pelos especialistas pede a análise da desobrigação do rosto coberto em espaços privados. Em Contagem, onde a população pode circular pelas ruas com a face a mostra, a ideia é se reunir hoje para decidir sobre novo alívio nas restrições. Após a avaliação dos índices de vacinação na cidade, e demais indicadores, se-

rã debatida e deliberada a continuidade ou flexibilização do uso de máscaras em locais fechados”, informou a Prefeitura de Contagem ao Estado de Minas. Já em Ribeirão das Neves, as máscaras em espaços fechados são desobrigadas desde a semana passada. Mais cedo, mas ainda neste mês, Juiz de Fora, na Zona da Mata, e Governador Valadares tomaram o mesmo caminho. Em março, decisão igual havia sido tomada por Uberlândia (Triângulo), Varginha (Sul) e Boticatuba (Norte).

Cabe a cada prefeitura avaliar se a retirada das máscaras será permitida. “Com o avanço da maior operação de vacinação da história de Minas, depois de mais de 2 anos de pandemia, o sorriso dos mineiros poderá de novo ser mostrado para todo o mundo”, disse Zema, no Twitter. Antes da flexibilização imprevista anunciada ontem, o governo mineiro permitia que cidades com bons índices de cobertura vacinal pudessem avaliar individualmente a possibilidade de tornar facultativo o uso de máscaras.

### LIBERDADE DE EXIGIR

A partir de hoje, com a edição do decreto liberando as máscaras, uma pergunta pode ganhar corpo: estabelecimentos têm a prerrogativa de pedir aos clientes que cubram o rosto, sob pena de pedir a saída deles do ambiente? Marcelo Mantuano, advogado especialista em direito empresarial, diz que sim, porque espaços comerciais podem ter regras próprias que, nem sempre, são leis. “Não existe nenhuma lei que obrigue as pessoas a usarem camisa, mas existem locais que impedem o entrada de pessoas sem camisa, por exemplo”, explica. “O que não poderia é a oposta: liberar as máscaras quando elas eram obrigatórias por lei do município”, emenda.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Covid-19 **Página:** 5